

# AS LINGUAS IBERICAS FACE A INFORMAÇÃO GLOBAL

ANTÓNIO FIDALGO

*Universidade da Beira Interior*

## 1. O TEMA

O espanhol tem em 2006 mais falantes nativos que o inglês, 390 milhões face a 354 milhões, e o português com 210 milhões está bem à frente do francês com 120 milhões ou do alemão com 100 milhões. Só o chinês, com 850 milhões de falantes e o hindi com 400 milhões estão à frente do espanhol. O português vem em 6 lugar a seguir ao árabe, que conta com 272 milhões de falantes<sup>1</sup>. Contudo, o espanhol e o português não têm uma presença correspondente na Internet. Segundo os dados do Internet World Stats, os utentes da Internet de língua espanhola são 82 milhões (7,5%), e os de língua portuguesa 34 milhões (3,1%). O inglês, o chinês, e o japonês encontram-se à frente do espanhol, respectivamente com 323 (30%), 144 (13,3%) e 86 milhões (8%)<sup>2</sup>. Existe pois uma clara deficiência das duas línguas ibéricas na Internet, pelo menos em termos comparativos. Na era da informação tal deficiência é grave e importa colmatá-la.

A informação faz-se em línguas. Podemos ter todos os meios técnicos, as melhores redes telemáticas, fibra óptica até casa, podemos ter a maior quantidade de informação e a de melhor qualidade, pela relevância ou exactidão dos dados, mas se não tivermos uma língua natural para divulgarmos essa informação, ela de pouco ou nada nos serve. A questão é a de em que língua essa informação é feita, fornecida ou recebida. Como mostrarei é uma questão cultural e social de extrema relevância, mesmo uma questão de poder, e portanto também política.

A luta linguística é de suma importância na era da informação. Queiramos ou não, estamos nessa luta. Seria ingénuo pensar que no âmbito das línguas a

---

<sup>1</sup> Estes números são da Wikipedia, consultados em novembro de 2006.

<sup>2</sup> <http://www.internetworldstats.com/stats7.htm>.

convivência é pacífica. De modo algum; há línguas que se expandem, há as que retrocedem, há as que se reforçam, há as que definham, as que morrem e as que nascem. É dever dos falantes de um língua cultivá-la e promovê-la. É não menos que a identidade de uma povo, de uma cultura, de uma civilização, que se joga na língua em que sente, pensa, se exprime e comunica. A história um povo, de uma nação, está na língua ou nas línguas a que chamou e chama suas. No dia em que desaparecessem era essa historia que se esboroaria.

Com efeito, existem poderosas forças uniformizadoras no que concerne às línguas, levando á extinção de muitas. Milhares de línguas desapareceram no último século, cerca de 5 mil, o que daria em média a morte de 50 línguas por ano<sup>3</sup>. A Wikipedia apresenta uma lista de 72 línguas em risco de desaparecimento (com menos de 1.000 falantes ou em rápido declínio) só nos Estados Unidos da América e de 30 no Brasil<sup>4</sup>.

## 2. O DOMÍNIO DO INGLÊS

Indiscutivelmente o inglês é hoje a língua dominante no mundo, tal como outrora o foram o latim e o francês. A questão é saber se esse domínio tem hoje um significado diferente.

Numa primeira abordagem poderíamos comparar o inglês hoje ao latim do império romano. Mas há diferenças substanciais. Se o latim era sobretudo a língua da administração imperial, isso não acontece hoje com o inglês, não obstante a *Commonwealth*. A força do inglês não é de carácter político-administrativo, mas sim, económico, político, cultural e científico. Apesar do império, o latim nunca foi tão hegemónico como hoje o inglês. A expansão do cristianismo beneficiou certamente da unidade política do império romano, do mundo comum criado à volta do Mediterrâneo, do *Mare Nostrum*, e das vias de comunicação que ligavam todo as partes do império a Roma, mas os documentos essenciais do cristianismo, os Evangelhos, chegaram a nós em grego. O próprio imperador romano, Marco Aurélio, escreveu os seus *Pensamentos* em grego. Ora a dimensão política do inglês advém-lhe sobretudo de ser hoje, não apenas uma língua administrativa, mas também a língua da economia, do comércio, da cultura, sobretudo da cultura de massas, tipo Hollywood, e da ciência. No campo da ciência podemos comparar hoje o inglês ao grego do império romano ou ao latim medieval.

<sup>3</sup> Ramin Jahanbegloo, *Quatro Entrevistas com G. Steiner*, Lisboa, Fenda Edições, 2000. George Steiner alerta para a morte sucessiva de línguas: «Os linguistas que estudam a história diacrónica e os antropolinguistas pensam que na breve história do homem, existiram provavelmente no planeta vinte mil línguas. Há cem anos as estimativas falavam de dez mil enquanto hoje variam em torno de cinco mil, tendo em conta que todos os anos desaparece um bom número de línguas, para já não falarmos dos dialectos» (p. 180).

<sup>4</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_endangered\\_languages](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_endangered_languages).

Como segunda língua o inglês leva de longe a palma a todas as outras línguas. Como vimos é apenas a 4ª língua nativa mais falada, mas pensa-se que mais de mil milhões de pessoas falem um inglês com maior ou menor fluidez. Enquanto cerca de 70 milhões terão o espanhol como segunda língua, no caso do inglês esse número varia entre os 150 e os 1.500 milhões de falantes.

O inglês tem a vantagem da distribuição geográfica enquanto língua nativa e de ser língua oficial de países muito povoados. Os falantes de espanhol concentram-se na Europa e América, ao passo que o inglês é falado como língua materna nestes dois continentes e na Oceânia, Austrália e Nova Zelândia. Depois existem países de África e Ásia onde a história deu ao inglês um papel fundamental como língua oficial, em África destacam-se a Nigéria, a África do Sul e o Quénia, e na Ásia, a Índia, o Paquistão, o Bangladesh e Hong-Kong (China).

A hegemonia do inglês parecia, há algum tempo atrás, não só um facto adquirido, como se pensava que o seu avanço seria irreversível e que essa hegemonia continuaria a aumentar imparavelmente. Tal posição – ideia, ou sentimento –, todavia, é menos unânime hoje. George Steiner tem uma afirmação curiosa e de relevo sobre esta matéria no prefácio à segunda edição (1992) da obra seminal *Após Babel*. Com efeito escreve em Julho de 1991 que quando redigia a primeira versão da obra – 1ª edição é de 1975 – o avanço do inglês como língua franca parecia imparável:

«Na altura em que estava a escrever *After Babel*, o domínio crescente, em todo o mundo, do esperanto anglo-saxónico parecia óbvio e irreversível. E em larga medida ainda é o caso. A ciência, a tecnologia, o comércio e a finança internacional falam, melhor ou pior, um inglês-americano. (...) Mais importante ainda, a linguagem dos computadores, os códigos meta-linguísticos e os algoritmos da comunicação electrónica que presentemente revolucionam a bem dizer todos os aspectos do conhecimento e da produção, da informação e da projecção, fundam-se sobre um sub-texto, na linguística pré-histórica, que é fundamentalmente anglo-americano. Os computadores e os bancos de dados falam dialectos do anglo-americano enquanto língua materna.

Apesar disso, hoje o quadro apresenta-se-me de um modo menos claro do que então. Enquanto determinantes e determinadas por paixões tribais, regionais e nacionais pela identidade, as línguas provam ser muito mais resistentes à racionalização e aos benefícios da homogeneidade e formalização técnica, do que alguma vez se poderia esperar. Esforços árduos em vista a uma uniformização linguística, por exemplo, na Índia ou no Sudoeste Asiático, revelaram-se vãos. (...) Além disso, o espanhol e o chinês desenvolvem energias de expansão territorial e demográfica que podem vir a desafiar o inglês-americano»<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> George Steiner, *After Babel. Aspects of language and translation*, Oxford, Oxford University Press, 1992, p. xvii.

Steiner tem razão. Às tremendas forças de uniformização linguística opõem-se as identidades nacionais, culturais e religiosas que emergiram com uma força impensável há trinta ou quarenta anos atrás. Nos países outrora colonizados ou dominados ressurgem identidades, tradições, línguas ou dialectos próprios. O crescente desaparecimento do francês como língua de referência nos países do norte de África vai certamente a par com o ressurgimento nacionalista e religioso que ocorre naqueles países. Curiosamente no 2º volume de *A Era da Informação, O Poder da Identidade*, Manuel Castells não se detém no aspecto linguístico como factor capital na constituição, afirmação e expressão das identidades<sup>6</sup>. Ora, flamengos, catalães e bascos sabem bem o quanto a língua é um elemento crucial da sua identidade histórica.

### 3. LÍNGUA FRANCA. O PIDGIN

Historicamente língua franca designa uma língua, usada na século XVIII na bacia de Mediterrâneo, baseada no italiano, mesclada de termos espanhóis e de outras línguas mediterrânicas, visando fins comerciais entre povos que falavam línguas diferentes. Hoje entende-se por língua franca uma língua comum em qualquer área, seja no comércio ou na ciência. Um caso exemplar é a utilização do inglês nos aeroportos, em que os anúncios são feitos na língua vernácula e em inglês. O termo inglês *pidgin*, significando uma linguagem simplificada feita a partir de elementos de duas ou mais línguas, usada como instrumento comunicacional entre falantes cujas línguas maternas são diferentes, traduz o termo língua franca.

A diferença no mundo actual é que o inglês não é apenas a língua franca do comércio, é também a língua franca da ciência, da cultura de massas (cinema, televisão, música), e das tecnologias da informação. Também nestes campos se dá a simplificação que caracteriza o *pidgin*. Talvez isto pareça um contra-senso no que toca à ciência, mas aqui poderei contar a opinião de um colega, professor de engenharia, sobre uma razão pela qual, as teses em engenharia são cada vez redigidas em inglês em vez de português. Os doutorandos não sabem português e preferem a facilidade e simplicidade que caracterizam a sintaxe e o léxico do *pidgin* científico.

Nas tecnologias da informação o recurso ao *pidgin* é patente nos termos de *rebutar*, fazer um *save* ou um *download*, *clicar*, mandar um *email* ou fazer *reply*, carregar num *link*, etc. Os jovens que passam os dias agarrados aos computadores em rede crescem num *pidgin* informático, a bem dizer universal. Muitos deles não sabem inglês, e como a Internet ainda é sobretudo gráfica, o *pidgin* é de tipo gráfico e não oral (ao contrário dos *pidgins* anteriores, apenas orais).

---

<sup>6</sup> Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Volume II, O Poder da Identidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Conhecem os termos escritos, ou então falados com o som do vernáculo, mas não com a pronúncia inglesa. Aliás aqui podemos falar de *pidgins* sectoriais, uma mistura de inglês e de línguas especializadas, as chamadas *LSP-languages for special purposes*.

De uma perspectiva não linguista, mas tão só de simples observador, creio poder afirmar sem levantar objecções que o inglês que se utiliza em todas as latitudes e longitudes do planeta é diferente do inglês literário ou mesmo do inglês estilo *oxbridge*. A sintaxe é mínima e o vocabulário reduzido. Há quem lhe chame o *dutch english* ou *airport english*. Num mundo globalizado, dominado pela língua inglesa, as linguagens especializadas tornam-se *pidgins* sectoriais baseados no inglês. São dois fenómenos que se potenciam mutuamente.

Obviamente é questionável que o inglês enquanto língua internacional da era da informação seja um *pidgin* ou língua franca no sentido apontado. É que o inglês internacional tem por detrás o facto e o estatuto de língua nativa à escala planetária: do Este ao Oeste, do Norte ao Sul, encontramos nações com o inglês como língua oficial ou uma das línguas oficiais, basta citar Hong-Kong, Austrália, Índia, África do Sul, Nigéria, Estados Unidos. O inglês internacional não deixa de se reger por critérios linguísticos bem determinados do inglês, e, portanto, poder-se-á considerar demasiado atrevido considerá-lo um *pidgin*. Alguém que fale nativamente o inglês terá mais facilidades que um falante do inglês como segunda língua. Por outro lado, é inquestionável que à medida que certos povos se vão apropriando do inglês, libertados das imposições coloniais, vai havendo uma criouliização do mesmo, de tal ordem, que é impossível uma comunicação entre falantes do inglês tal como é tipicamente falado nas respectivas regiões. Aqui entrariamos um debate eminentemente linguístico, em que não quero entrar, desde logo por falta de competência.

Em termos de comunicação, o que importa fixar é que, encarando o inglês como língua universal de comunicação, ele tem de ser visto como uma estrutura linguística mínima, em termos sintácticos e lexicais. Mínimos que não permitem a elaboração de poesia ou de prosa literária e incapazes pois de possibilitar a expressão de sentimentos mais complexos. Ora são estes mínimos, tão aptos a uma universalização na comunicação, que depois ficam aquém de outros fins das línguas, expressão artística, reflexão filosófica, manifestação espiritual e sentimental. Com efeito, a razão porque Umberto Eco, na obra *A Procura da Língua Perfeita*, considera só ocasionalmente os *pidgins* no seu livro, é por serem demasiado imperfeitas: «Línguas de *bricolage*, ou seja, línguas que nascem espontaneamente do encontro de duas civilizações de língua diferente. Exemplos típicos são aqui os *pidgin* que surgem nas regiões coloniais. Apesar de supranacionais, essas línguas não são universais, mas línguas parciais e imperfeitas, possuindo um léxico e uma sintaxe extremamente elementares, que servem apenas para a expressão de certas actividades igualmente elementares,

como as transacções comerciais, sem a riqueza e a flexibilidade suficientes para a expressão de experiências de ordem mais elevada»<sup>7</sup>.

O inglês enquanto língua franca é um inglês de superfície, onde as palavras e as expressões são despidas da sua profundidade histórica, do seu sentido múltiplo. É um inglês à *Forrest Gump*, de uma dimensão simplista e por vezes idiota. O síndrome de Asperger, de que essa conhecida personagem fílmica sofre, encontra o seu espelho na forma como o inglês é falado pela grande maioria dos que o falam como segunda língua: repetem os mesmos termos e expressões, ignoram segundos, terceiros e ulteriores sentidos, adquirem tiques estranhos, e é-lhes inacessível o humor e a ironia.

A perspectiva do inglês como língua franca universal atravessa muitas mentes e, mesmo que inconscientemente, determina processos e modos de agir. É um canto de sereia para mentes bem intencionadas. Soa-lhes como se a humanidade viesse a ter uma língua universal onde todos os povos se entenderiam. Pouparia custos, reduziria distâncias, estimularia a integração de zonas mais desfavorecidas, facilitaria a cooperação, contribuiria para o bem de todos, sem excepção. Contudo, tal ideia pode ser um pensamento piedoso ou bem intencionado mas que a realidade depressa reduz a cinza. Com efeito, a predominância do inglês traduz-se numa pauperização bem real dos vernáculos. Por outro lado, a imposição do inglês como língua de comunicação contribui para uma.

#### 4. A PAUPERIZAÇÃO DOS VERNÁCULOS

A difusão do inglês, geográfica e temática, a uma escala global leva a uma pauperização dos vernáculos. As novas realidades, científicas, tecnológicas, culturais e sociais, são expressas com termos ingleses, que não respeitam a história das línguas vernáculos e que mais e mais se vêem invadidas não só por novos termos (*breefing, workshop, meeting, etc.*), mas que sofrem também semantizações esdrúxulas. Há quem diga em português que finalmente *realizou* algo que ainda não tinha compreendido ou que *foque* aquilo em que se quer concentrar. A morte de línguas é algo que existe, e a tremenda difusão do inglês é certamente uma ameaça à existência de línguas minoritárias e sem suficiente *background* social, económico e cultural.

A par dessa pauperização ocorre uma inanidade comunicativa dos vernáculos. Num mundo globalizado, mediatizado de lés a lés, o que importa é a língua franca que todos possam compreender. Assim, vemos nas manifestações árabes, muçulmanas, contra os Estados Unidos, ou os manifestantes anti-globalização na Europa, trazer cartazes escritos em inglês, o *pidgin* universal. Para a televisão são importantes os cartazes e também alguém que fale ou arranhe o inglês.

---

<sup>7</sup> Umberto Eco, *A Procura da Língua Perfeita*, Lisboa, Presença, 1996, p. 18.

Mas é provavelmente na Internet que o *pidgin* universal se vem afirmando contra os vernáculos. Muitos sítios, *sites*, têm uma versão em vernáculo e outra em inglês. Considera-se que ou está em inglês e é mundial ou cosmopolita, ou é em vernáculo e então é local, regional, provincial. A pátria está na língua e o cosmopolitismo no inglês.

A Internet é de certo modo a mais recente fase na marcha triunfal do inglês como língua franca. Os programas estão em inglês, a estrutura linguística subjacente é o inglês, de tal modo que ninguém pode ser um perito em coisas de Internet se não souber inglês, pelo menos ao nível do citado *pidgin*, e se alguém souber inglês e nada mais, daí não lhe advém grande desvantagem. Mesmo no caso extremo de alguém dominar todas as línguas, à excepção do inglês, estaria em desvantagem a quem soubesse apenas inglês.

À medida que o mundo se torna mais global, que a velocidade dos transportes encolhe as distâncias geográficas, que as redes de telecomunicações se espalham em maior largura de banda e numa crescente densidade, sobretudo com a extraordinária largura de banda móvel, por todos os recantos do mundo, do meio do deserto aos mais altos mares, a pressão por uma só língua aumenta. É uma tendência inevitável que os defensores dos vernáculos terão de ter em devida conta. Se quiserem preservar a sua língua, expoente máximo da cultura, têm de saber musculá-la na comunicação diária e global.

## 5. PARA UMA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Apesar do quadro escuro aqui traçado, mas que considero bastante realista, espero que haja maneiras de defender e desenvolver os vernáculos, e mais, que os vernáculos tenham uma função importante na sociedade de informação. A diversidade linguística é uma riqueza a preservar, na medida em que cada língua é um acto de liberdade e constitui uma singularidade preciosa que importa preservar.

No já referido livro de Ramin Jahanbegloo, *Quatro Entrevistas com G. Steiner*, Steiner alerta para a morte sucessiva de línguas: «Os linguistas que estudam a história diacrónica e os antropolinguistas pensam que na breve história do homem, existiram provavelmente no planeta vinte mil línguas. Há cem anos as estimativas falavam de dez mil enquanto hoje variam em torno de cinco mil, tendo em conta que todos os anos desaparece um bom número de línguas, para já não falarmos dos dialectos»<sup>8</sup>. Uma língua, cada língua, é um acto de liberdade e de sobrevivência: «Cada língua é um acto de liberdade que permite ao homem sobreviver. A sua multiplicação, análoga à de vinte e oito mil espécies de borboletas numa ilha das Filipinas, parece ser um desperdício,

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 180.

uma dissipação, uma profusão insensata. Mas, muito pelo contrário, realizando assim cada língua uma formidável economia de liberdade, o homem reduz de um passo a inexorabilidade da sua condição de mortal bem como as suas servidões económicas e biológicas. A vertiginosa complexidade das línguas é uma riqueza compensadora para os países ou as regiões mais despojados do mundo: no Calahari, nos desertos da Austrália ou em certas tribos de Bornéu, cuja economia é extremamente precária». E Steiner prevê também um cenário negro: «Virá um dia em que enfrentaremos uma crise psicológica considerável: O monolingüismo reinará num planeta que sofrerá a dominação económica do anglo-americano, ao qual já quem chame o «esperanto do comércio»<sup>9</sup>.

A língua, cada língua, como uma certa mundividência, de vida, de cultura, adaptada a um meio ambiente específico, é um bem a preservar. A pergunta é: Como se faz isso num mundo aberto? Como proteger, usar, e cultivar uma língua específica num mundo cada vez mais uniforme? A questão, penso, é a do enraizamento. O vernáculo é a raiz mais profunda de um povo e de uma nação. Trata-se ao fim e ao cabo de uma questão de identidade. Tal como o presente das línguas se joga fundamentalmente na identidade dos povos e dos indivíduos que a falam, o mesmo se passará com o seu futuro. O milagre da ressurreição de línguas consideradas mortas, como o hebraico, ou do ressurgimento de línguas como o galego ou o catalão assenta na afirmação da identidade dos povos.

## 6. MULTIPLICIDADE DE ZONAS FRANCAS LINGÜÍSTICAS

A afirmação do espanhol e do português face ao inglês como línguas de comunicação e de informação num mundo global passa desde logo por um reforço da comunicação entre os que as falam como línguas maternas. O intercâmbio editorial entre Portugal e o Brasil e os países africanos de expressão oficial portuguesa continua a ser incipiente. A língua tem de funcionar como um importante instrumento comercial, cultural e político.

É que a actividade linguística dos nativos de uma língua funciona como a actividade económica interna de um país. Quanto maior for essa actividade tanto maior a sua força. A língua num país que produzisse mais bens culturais no seu vernáculo, do que importando-os de línguas estrangeiras, que editasse mais livros de autores nacionais ou procedesse à tradução de autores estrangeiros, em vez de importar pura e simplesmente livros em línguas estrangeiras, é uma língua que se reforça. A tradução da Bíblia por Lutero é um marco fundamental na criação do alemão moderno.

Ou seja, a importância de uma língua não se mede unicamente pelo número dos que a falam como primeira ou segunda língua. Uma língua também faz

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 183.

valer a sua força graças à informação que veicula. Isto é tanto mais assim, quanto é certo que com a Internet a importância de um língua se mede pelos conteúdos disponibilizados nela. E aqui o inglês leva claramente a primazia a todas as outras línguas. Podemos não encontrar os autores clássicos no original, gregos e latinos, mas encontramos-los sem dúvida nas traduções em inglês, caídas no domínio público.

Dito isto, é claro ser de primordial importância disponibilizar o maior número de informação, literária, científica, cultural, visual, musical, económica, na Internet, acessível ao maior número de falantes, nativos e não nativos de uma língua. Felizmente hoje a música latina tem-se afirmado com uma força extraordinária no mercado *online* de música e tem contribuído em muito para a difusão das línguas ibéricas (no caso do português, a música brasileira, samba, bossa nova), na América do Norte e na Europa Central.

Aproveitando a metáfora comercial, urge criar uma ampla e intensa zona franca das línguas ibéricas. Por zona franca linguística entendo um conjunto de povos e nações que possam comunicar entre si, usando os vernáculos, sem necessidade de recorrer à tradução. Cada pessoa poderá usar a sua língua materna ou o seu dialecto e ser entendido directamente, com maior ou menor esforço, pelos outros. Isto é o que acontece aliás dentro de uma mesma língua, com diversidade de dialectos e acentos. Um brasileiro dificilmente entenderá uma conversa entre camponeses de Trás-os-Montes, ou um lisboeta dificilmente entenderá a pronúncia mais acentuada da ilha de S. Miguel nos Açores. O mesmo acontecerá com o espanhol nas múltiplas longitudes onde é falado. O mesmo acontece com o inglês tal como é falado na Escócia ou num subúrbio negro de Nova Iorque. Não se trata, porém, de línguas diferentes. Após algum período de habituação as pessoas entender-se-ão sem abdicar da sua língua. Tomarão consciência das diferenças, ultrapassá-las-ão e eventualmente rir-se-ão delas.

Uma zona franca linguística não significa necessariamente uma uniformização linguística. Poderá e deverá haver lugar a diferenças, maiores ou menores, a especificidades próprias. Enquanto organismos vivos as línguas adaptam-se aos novos contextos, a realidades culturais, geográficas, sociais e religiosas distintas, mas preservando a sua identidade. É nesta abrangência de uma língua face aos dialectos e pronúncias que a tornam diversa que deverá ancorar a sua relação com as línguas afins. O espanhol e o português são línguas próximas, de tal modo que um brasileiro entenderá melhor um espanhol aberto que um português cerrado. Nesta zona franca devem caber as outras línguas ibéricas, de menor dimensão demográfica, como o catalão e o galego. A sua inclusão nesta zona franca linguística representa uma vontade de apostar na diversidade, de enriquecer ao máximo tal diversidade, alargando o universo de termos e expressões.

Mas tem sentido falar de uma zona franca se houver a intenção e a prática de aproveitar e usar do estatuto de zona franca, que neste caso significa viajar

pelas diferentes línguas, ouvi-las no seu próprio contexto, fazer comércio com elas, isto é, habituarmo-nos a lidar com elas, a ler os seus textos, a entender os seus sons. Durante as décadas de 70 e 80, quando em Portugal havia apenas dois canais públicos de televisão, nas zonas de fronteira onde se apanhava o sinal das televisões espanholas, aprendia-se naturalmente espanhol. Dado que em Portugal os filmes estrangeiros não eram dobrados, e nessas zonas o analfabetismo era ainda grande, muitas pessoas viam os filmes dobrados em espanhol. Habituar-se a ouvir e a entender uma língua próxima. É justamente este o caminho que importa trilhar. Criar uma zona franca das línguas ibéricas, do norte da Galiza até Timor Leste e da Catalunha até ao sul do Chile, passando por África e Estados Unidos da América. Compreender catalão ou galego requer obviamente tempo e esforço por parte dos falantes nativos de espanhol ou de português, mas essa aprendizagem é muito diferente da de uma língua fora desta zona franca. Desde logo porque as estruturas gramaticais são muito próximas e em segundo lugar porque o vocabulário é partilhado em mais de 85% dos termos. Espera-se que cada um fale a sua língua no contacto uns com os outros, tal como fazemos neste momento, em que faço esta comunicação em português aqui em Sevilha, em 14 de novembro de 2004. Falo na minha língua materna, receberei perguntas noutras línguas ibéricas, e responderei na volta em português.

A globalização da informação, assente numa sociedade de rede, propicia um comércio linguístico intenso, mesmo entre lugares muito distantes. As comunicações de voz tendem a tornar-se grátis, tal como grátis são hoje as visitas a páginas da Internet. O que circula são apenas bytes. As comunicações VOIP, a televisão sobre IP, darão a possibilidade de intensificar o intercâmbio linguístico, de criar verdadeiramente essa zona franca das línguas ibéricas, que à partida conta com 600 milhões de falantes e de consumidores de produtos linguístico-culturais: informação, música, televisão, cinema, jogos.

Não se julgue que estabelecer esta zona franca das línguas ibéricas significa uma fusão das diferentes línguas numa única língua, num *portunhol* tal como o já usamos por vezes entre nós ou como é falado nas zonas de fronteira entre o Brasil, o Uruguai e o Paraguai. Antes essa zona franca será um forma de defesa e de afirmação dos vernáculos face à pauperização linguística de que falei atrás.

A língua em que crescemos, em que sentimos e pensamos é a nossa pele intelectual e espiritual. É isso que reivindicamos na era da globalização, não perdermos a identidade para aceder aos bens culturais, nem sermos minorizados por não nos expressarmos tão fluentemente em inglês como os falantes nativos de inglês. Se não formos capazes de criar uma zona franca linguística forte, e tudo o que ela comporta de cultural e civilizacional, seremos esmagados pelo *pidgin* universal. Trata-se de uma reivindicação, mas é simultaneamente também de um dever. Nomeadamente do dever de activamente promover o comércio lin-

guístico, de não recusar à partida os produtos linguístico-culturais das línguas afins da zona franca, de procurar a proximidade onde num primeiro momento vê estranheza e diferença.

A constituição da zona franca de línguas ibéricas terá de ultrapassar alguns obstáculos históricos e culturais e que explicito mediante a narração de um caso verdadeiro. Há uma dezena de anos atrás quando um empresário português se dirigiu a um político catalão e o cumprimentou em espanhol a resposta desse político veio fria e distante em inglês, retorquindo: «How do you do, Sir». Entre as línguas ibéricas não temos apenas coabitação, mas temos também choques e desavenças. Uma forma airosa será recorrer ao tal inglês-pidgin. É o campo neutral de uma língua estrangeira. Porém isso faz-se com o sacrifício de uma proximidade linguística inquestionável. Melhor seria que esse político tivesse respondido em catalão, afirmando a sua identidade linguística mas sem sair da zona franca em que aqui nos entendemos. Por seu lado, os portugueses queixam-se muitas vezes que têm de ser eles a «hablar el portunhol» e que os espanhóis não fazem um esforço para entender o português. Contudo, isso deixa de ser cada vez mais verdade. Numa tentativa de lado a lado segurar a independência, portugueses e espanhóis viveram de costas durante séculos. A realidade dos nossos dias é completamente diferente. Desapareceram as fronteiras, temos a mesma moeda, e falamos línguas muitíssimo próximas, como talvez não se encontrem outras na Europa. Maria Flor Pedroso na edição do semanário *Expresso* reconhece o esforço que em Espanha se faz para aprender português: «*SABIAM ustedes que, só na Extremadura espanhola, há nove mil alunos de Português? Na sétima edição do Ágora-Debate Peninsular, realizada no fim do passado mês de outubro na belíssima cidade espanhola de Cáceres, confirmei o que havia descoberto há um ano em Mérida, na edição anterior deste debate: já é possível falar-se português em palestras organizadas em terras de Espanha –e ser-se perfeitamente entendido. O lusitano tradicional chegava a Espanha e disparava um portunhol orgulhoso, cheio de dislates*»<sup>10</sup>.

Termino com um relato pessoal. Numa visita aos Estados Unidos da América, há três semanas, tive a oportunidade de, com um outro português, poder estar, numa tarde de Sábado, com alguns americanos de origem hispânica, dois de Puerto Rico, um da Colômbia e outro de México. A conversa girou em espanhol e em português, com palavras aqui ou ali em inglês. Foi uma sensação de hospitalidade, de facilidade, de calor humano. Não senti aquele desconforto de quem veste roupa alheia, emprestada. As palavras vinham pura e simplesmente, fluíam, como o ar que se respira.

---

<sup>10</sup> Expresso, 11 de novembro de 2006.